

A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS APLICADA AO ENSINO DE HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA E DA MODA

The Theory of Multiple Intelligences applied to the teaching of History of Clothing and Fashion

Abrão, Rafael Faria; Pós-graduando; Universidade Anhembi Morumbi;
contato.rfa@hotmail.com

Professor Orientador: Marcos Aleksander Brandão; Universidade Anhembi Morumbi;
mabrandao@eadlaureate.com.br

Resumo

Howard Gardner, ao propor a Teoria das Inteligências Múltiplas, permitiu o nascimento de um novo olhar para as diversas facilidades e aptidões humanas, tratando-as de maneira humanística e merecedoras de igual atenção, além da verbal-linguística e a lógica-matemática, anteriormente valorizadas. Desde então, comprova-se facilmente os ganhos desse novo olhar como instrumento otimizador no processo de ensino e aprendizagem. O objetivo desse trabalho reside na intenção de mostrar os ganhos do uso da teoria a níveis ainda mais altos, como ferramenta para multiplicação de bagagem cultural para a disciplina de História da Indumentária e da Moda e o quanto seu uso pode implicar considerável diferença para a compreensão histórica do fenômeno da moda, leitura de coleção de moda e criação de figurino.

Palavras-Chave: Inteligências Múltiplas, educação, história, moda.

Abstract

Howard Gardner to propose the theory of multiple intelligences, allowed the birth of a new look at the various capabilities and human skills, dealing with them in humanistic and worthy way of equal attention, beyond the verbal-linguistic and logical-mathematical, previously valued. The aim of this work is the intention to show the gains of the adoption of the theory to other levels, as permission of cultural baggage to the subject of History of Clothing and Fashion.

Keywords: *Multiple Intelligences; Education; History; Fashion.*

INTRODUÇÃO

Os mais de 180 cursos superiores de Moda e Design de Moda no Brasil tem a importante característica de possuírem enfoques diferenciados, guiados principalmente pelas tradições e reconhecimentos voltados a algum tipo de produção de determinado local (como polos têxteis, calçadistas e de desenvolvimento de tecnologias voltadas para as áreas do design). Essas tradições justificam, em maior parte ou totalmente, a existência ou a importância da implantação de centros de profissionalização para a contínua melhora do setor.

Aconselha-se ao futuro graduando a pesquisa sobre o enfoque próprio do curso na instituição pretendida, a qual inicialmente pode ser feita através da própria grade curricular, disponibilizada em informativos impressos ou mais frequentemente através da própria página eletrônica da instituição.

Com essa informação, podemos extrair também outros dois pontos extremamente importantes e avaliá-los juntamente com a atual busca de recursos para facilitar o acesso de novos alunos aos cursos superiores e ao conseqüente aumento de cursos desse nível, esforços para a formação de docentes e meios para garantir a qualidade dos mesmos: a quantidade de cursos superiores já existentes no Brasil (informada acima), bem maior que a de países europeus como a França e a Itália que, embora possuam números de habitantes e áreas extremamente inferiores aos brasileiros, são conhecidos por sua tradição histórica no ramo, garantindo que a comparação não seja vista como irrelevante.

O segundo ponto se faz existir por, independentemente de qualquer título que o curso receba e o segmento da complexa indústria da moda que abrace, ser unânime a presença de pelo menos uma disciplina teórica ou teórico-prática (ainda que essa classificação seja questionável na maioria das vezes) responsável por abordar os aspectos históricos que conversam com a evolução do vestir. De forma igualmente harmoniosa, as disciplinas que tratam desses fundamentos históricos são ofertadas já no primeiro semestre do curso sob os mais variados nomes (“História da Moda”, “História do Vestuário”. “História do Vestuário e da Moda”, “História da Indumentária”, “História da Indumentária e da Moda”. “História da Indumentária e da Moda” foi o termo escolhido por constar na maioria das grades curriculares pesquisadas) por possuírem fundamental importância e por significarem o primeiro contato com a compreensão de características de comportamentos, imagens, estilos e seus significados, temas que são as próprias bases de outras disciplinas.

Todos esses dados que envolvem a maciça presença dos cursos superiores de Moda no país, sua atual expansão e a força singular da disciplina citada na grade dos cursos, ajudam a explicar a importante razão de se refletir sobre a didática de História da Indumentária e da Moda e meios eficientes para facilitar seu processo de ensino e aprendizagem, configurando o objetivo desse trabalho. Para tanto, inicia-se brevemente um esclarecimento acerca dos costumeiros planejamentos dos planos de aula para a disciplina, feitos em cima da organização dos próprios livros tidos como referência para matéria. No capítulo seguinte, será abordada a relação desta

característica com a dominante preferência por registros históricos visuais acima de quaisquer outros como ferramentas para as aulas. Por fim, é apontado o uso da teoria das Inteligências múltiplas como ponte interligando interesse por parte do alunado, valorização cultural e comprometimento com um currículo verdadeiro e competente com o que se propõe.

Focando a valorização, a qualidade e a usabilidade do conteúdo que é proposto nas aulas e pautando a aquisição de conhecimentos e fundamentos dispostos em uma vasta bibliografia sobre História, Moda e Educação, não se pretende aqui fazer uma completa avaliação didática da matéria ou fundamentar os conceitos da teoria das Inteligências Múltiplas, nem citar ainda estratégias práticas que devem ser usadas imediatamente, mas sim convidar a pensar no uso da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner como meio para a solução dos desafios apresentados, expondo alguns exemplos para o simples intuito de demonstração, propondo que a interação entre aluno e o estudo histórico se dê além dos níveis de reconhecimentos imagéticos, dos próprios fins para os quais a teoria é aplicada na área da Educação e muito além também do olhar estático e conteudista com o qual a disciplina se faz vista em uma grade predominantemente prática.

1. OS LIVROS DE HISTÓRIA DA MODA, OS PLANOS DE AULA E OS OBJETIVOS GERAIS: UMA GRANDE INCOERÊNCIA

Os livros de história da moda disponíveis no Brasil, mesmo em uma quantidade que não se adequa com a de cursos superiores da área, constituem uma importante ferramenta de inspiração sobre a elaboração dos planos de aula e o caminho pelo qual essa percorre. Basicamente, temos a apresentação da época abordada e o contexto histórico responsável pela difusão das cores, formas, tecidos e acessórios pelos quais esta é conhecida, podendo todo conteúdo ser conferido no momento em que é citado ou após sua explicação, através de fotografias, pinturas e charges satíricas que constituem praticamente os únicos registros históricos utilizados para as aulas, cuja ordem com que é feita contribui para que a exibição dessas referências iconográficas seja vista sempre com a finalidade de comprovar o que é exposto por meio de textos, donos da maior parte do tempo.

Segundo FOGG (2014, pg.7), *‘A moda, em sua forma mais incisiva, representa e influencia as atitudes de uma época, moldando gerações e provocando mudanças e divisões culturais. ’*. Através dessa definição, nota-se não somente a impossível dissociação de moda da própria história e comportamento humano. Um processo veloz para quem o estuda, mas intensamente homeopatizado através dos anos. Logo, assim como a atenção para as introduções de todo início de curso sobre “o que é história? ”, “por que estudar história da moda? ” e outros conceitos, torna-se indispensável que se mantenha uma visão integrada sobre todo o processo histórico.

Para facilitar a abordagem e estudo dos conteúdos, assim como qualquer outra disciplina histórica e que herda o costume cego e sem prévia-reflexão sobre as aulas expositivas, a evolução da indumentária é também separada por Idades (ou Eras), séculos e em décadas com a aproximação do séc. XX, nas aulas finais da disciplina. Porém, tendo as aulas a finalidade de delinear e limitar de modo profundo as características principais do período estudado, a fim de destacá-lo, sempre finalizadas com apreciação de registros iconográficos voltada especialmente para a confirmação do que foi visto, automaticamente isola o período do decorrer histórico. Não destaca, mas estereotipiza as características novas e próprias destes. Não somente impede como vai contra a construção da visão histórica de continuidade e

de eterno jogo de causas e consequências, consequências estas que também são sempre causas de outras importantes mudanças.

JOFFILY (apud Treptow, 1999 p.27) destaca a importância da moda no que tange o comportamento e a sociedade, já vista de maneira sucinta na citação de FOGG, ao dizer que “ *Moda é o fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo [...], que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social.* ”. Sendo assim, o estudo histórico da moda deve fornecer competências básicas para que se possa fazer relações de causa e consequência entre: tempo x tempo, tempo x pessoas, pessoas x tempo e pessoas x pessoas (no sentido de geração x geração), mudanças e ideias. Tempo e pessoas originando e oferecendo referências, as usando, as modificando, as banindo e as reinterpretando. Uma exposição em que prioriza a relação tempo x roupa, delimitados por palavras como ‘identificar’, ‘reconhecer’ ‘correlacionar’ nos objetivos gerais da matéria, não desenvolve recursos para a existência de novos personagens, como lugares, pessoas, costumes e rituais.

Se para compreender a moda precisamos compreender o tempo e, por ser tão multifacetada, sofre tantas influências e mudanças com o passar do tempo, é incorreto, para uma ‘História da Indumentária da Moda’ esperar uma simples ‘Evolução da Vestimenta’ que valoriza as roupas muito mais que a própria história. Não abre espaço para o estudo histórico do fenômeno, permitindo diálogo com outras áreas do conhecimento, mas prioriza a linha-do-tempo do produto. Um correto estudo da moda em seu sentido geral, pede a valorização de mudanças de todos os ingredientes, seus resultantes e resultados, estudados com um olhar além do plano de fundo. Necessita ter mais itens vistos como peças de um único tabuleiro, que pede referências de lugares, de personagens, os quais são tradicionalmente citados a partir do ‘Século dos Estilistas’, de sons e de citações.

Um dos pontos mais negativos reside no fato de que esse tipo de aula solidifica a visão da disciplina como vitrina, dona de um contato tão distante e dificilmente interativo. Essa visão se torna extremamente prejudicial quando relembramos da razão dela ser oferecida logo no primeiro bloco de matérias e sua importância para outras disciplinas. Torna-se óbvio o risco de ser subjugada, partindo da própria força de presença das disciplinas práticas, a maioria em cursos de Moda e Design de Moda. Nas palavras de CAMPOS e NEIRA (2013, pg. 7), “*A ideia de que o*

conhecimento mais atraente é o válido para aquele instante exige reflexão, por parte dos educadores, tanto para o papel das disciplinas históricas quanto para os processos de ensino-aprendizagem, a fim de não referendarmos esse entendimento.

”.

Podemos ainda incluir como uma deficiência desse modelo, a limitação de conhecimentos e de vivências que o futuro profissional poderia usar além de sua estrita área de atuação como ferramenta enriquecedora e propiciadora de um olhar único e próprio do formado em Moda para outros setores, que permitem a criação de um diálogo com o seu, como Publicidade, Cinema, conversas com estudos psicológicos e sociais. Ainda de maneira mais grave, em carreiras relacionadas com elaboração de figurinos, produção editorial de moda e o olhar clínico esperado do jornalista de moda para ler, compreender e identificar as referências de uma coleção de moda, além de obviamente, a um grau imensurável, superficializar a visão histórica e distanciar o estudante de um maior aprofundamento nos temas com os quais deseja trabalhar.

No caso de figurinistas por exemplo, além de conhecimentos gerais e específicos de cinema, teatro e televisão, é esperado um vasto conhecimento e familiarização com as mais diversas peças do grande guarda-roupas da humanidade. Porém, esse mesmo profissional precisará destacar as diferenciações sociais, psicológicas e ideológicas dos papéis em cena. Personagens épicas, usuárias de uma moda autoritária e comum, precisam ter, do modo como for possível, traços que revelam especificamente sua personalidade expressos na composição de seu figurino, usando para isso traços historicamente corretos. Admitindo que as cores sempre tiveram os mesmos significados e que opulência sempre foi bem-vista, corremos o sério risco de sermos anacrônicos.

Em toda nova coleção, fruto de um apanhado de pesquisas e projeções comportamentais estudadas com anos de antecedência e materializadas no desenvolvimento de cartelas de cores, tecidos e padronagens, é borrifada uma boa dose de historicidade para o aperfeiçoamento de referência sobre o uso dos elementos citados, tendo em vista a imagem e a identidade da coleção e do que ela se propõe. Com tantas referências, atuais e antigas, as históricas não estarão implícitas, tanto pelo caleidoscópio de influências como pelo próprio objetivo mercadológico e capitalista da moda, o de sempre ofertar algo novo. As linhas

históricas devem sempre oferecer um novo ar, deve ser um convite ao que é reinterpretado. Essa ideia fica muito clara nas linhas de STEVENSON (2012, pg. 6), *“Novo” e “moda” são termos que andam sempre juntos, porque a moda é volátil, é sempre nova. Mas examinando a história da moda vemos que as mesmas formas e cores reapareceram inúmeras vezes. O que lhes dá frescor e as traz de volta à vida é a interpretação de novos designers para novos tempos. Traçar a cronologia é uma questão não só de olhar para trás – mas também para a frente.*”. Nas linhas do passado, algo novo se faz. Logo, é de se esperar que alguma referência a qualquer período histórico esteja presente nos mais diversos desfiles, porém essa nunca será feita em cima da camada mais comum e óbvia. Caso contrário, torna-se clara a impressão de se querer reproduzir a própria história, criando automaticamente o kitsch, palavra do alemão que descreve o gosto popular, de fácil leitura, assimilação e compreensão, como também a ideia de pobreza estética.

2. O USO DE REGISTROS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA

O uso dos mais variados registros históricos pode proporcionar aos alunos uma matéria com um conteúdo mais próximo, tátil e interativo. São considerados registros históricos todos os documentos, materiais ou as evidências das experiências humanas como documentos textuais, imagens, as próprias indumentárias, utensílios, canções e outros.

Dada a oportunidade, é obviamente compreensível a preferência por referências iconográficas nas aulas, por facilidade de busca e apresentação, por suas vantagens relacionadas a confirmação do conteúdo e principalmente por dizer respeito ao campo visual. Segundo NEVES, GONZAGA E SLAETS (pg.27), *“A visão natural é um dos processos mais complexos e é responsável pela maior parte do volume de informação que absorvemos diariamente.*”. São muitos os trabalhos disponíveis que discorrem sobre as vantagens do uso de diferentes estímulos visuais em sala de aula. Porém, seu uso exclusivo, como a preferência para registros históricos visuais, mesmo que aliados a textos explicativos, empobrece a discussão de outros referenciais importantes para a compreensão das transformações da moda, como os comportamentos, aspectos mais detalhados da vida urbana, mudanças de valores e também colabora para a deturpada visão da apreciação das pinturas como uma

chave perfeita e sem pontos negativos para a pesquisa de vestuário. O fato das pinturas retratarem em quantidade bem inferior as cenas do cotidiano do trabalhador camponês e dos pobres quando comparadas com as telas exibindo exuberantes damas e cavalheiros das cortes europeias, bem como de algumas telas retratarem períodos anteriores a sua pintura são alguns exemplos de riscos que corremos nesses casos. Tendo consciência destes riscos, procura-se também meios para enriquecimento da pesquisa.

Obviamente, a escassez de tempo e a aparente multiplicação de conteúdos trazida com a valorização de outros registros históricos pode fomentar uma discussão duvidosa acerca de “mais um ótimo pensamento com uma complicada execução”, para uma disciplina que estuda a indumentária em seus 170 mil anos em um ou dois semestres. Ainda mais quando, à primeira vista, propõe a ideia da riqueza de conteúdo como método para a aproximação do estudante.

Todo esse apanhado de conteúdo proposto pelo uso de mais registros históricos torna-se apenas uma consequência do processo geral, se pensarmos como primordial objetivo a valorização do aluno e tornar importante sua presença para o desenvolvimento total da classe, justamente os propostos visados pela aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas, publicadas em 1983 pelo psicólogo americano Howard Garner, no âmbito da Educação.

3. A DUPLA PROPOSTA DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA MODA

Segundo Lellis (2011), *‘A teoria defende nada menos do que uma mudança fundamental na maneira pelo qual as escolas estão estruturadas. Ela transmite a educadores do mundo todo a vigorosa mensagem de que os alunos que chegam à escola no início de cada dia têm o direito de viver experiências que ativem e desenvolvam todas as suas inteligências’*. Assim, deixando de considerar inteligência a capacidade de responder a testes de QI, Gardner abandonou em seu estudo a ideia de duas únicas inteligências, a verbal e a matemática. Atualmente as pesquisas apontam para a existência de 8 tipos de inteligência, categorizadas aqui apenas para fins didáticos, sendo elas: linguística ou verbal, lógico-matemática,

espacial, sonora ou musical, cinestésico-corporal, intrapessoal, interpessoal e naturalista.

Admitindo essa realidade, admite-se também o desafio de trazer para a sala de aula diversos modos dos alunos entrarem em contato com o conteúdo abordado, afinal, segundo ANTUNES (2008, pg. 22), *‘A aceitação de que o saber se expressa de múltiplas maneiras está presente na igual beleza com que a música, a escultura, a pintura, a equação, a palavra são escolhidas por este ou por aquele para expressar a sua ternura, mas essa constatação parece ficar distante da escola convencional, que apenas exalta o saber linguístico e matemático.’*. Em outras palavras, é esperar que o docente abandone um olhar metódico sobre as aulas em virtude das vantagens que essas apresentam ao serem pensadas e flexibilizadas. No entanto, não é pressuposto que o professor conduza em uma classe uma estratégia que abrace todas as estratégias e fazê-las presente para seus alunos a todo momento, nem presume que todas estratégias oferecerão as mesmas vantagens independentemente em qual parte as usa no processo de ensino e aprendizagem. O ponto alto desse trabalho é a constatação do uso da teoria das inteligências múltiplas como um incisivo argumento que, de um só modo, favorece o enriquecimento intelectual ao propor através de outras fontes históricas um estudo mais profundo de um determinado tema (até mesmo em caráter de curiosidade) promovendo a interdisciplinaridade, ao mesmo tempo que usando essa mesma estratégia, capta atenção do aluno ao promover um trabalho que dirige a matéria através de suas inteligências, dando movimento e interação a um conteúdo histórico, anteriormente estático e congelado no passado, sendo o próprio contexto histórico não mais um cenário, mas uma das personagens que contam a história do vestir. Como consequência, a promoção de uma visão mais abrangente equilibra a ruptura causada por separações enfáticas de períodos que compõem o desenrolar histórico, demasiadamente seccionados com o refutado objetivo de facilitar o estudo.

Como outras vantagens, podemos destacar a proposta colaborativa que é possível esperar na adoção da teoria nos planos de aula, originando da atenção e envolvimento do estudante com o conteúdo, a produção de conhecimento ou pesquisas, tendo como base as suas próprias aptidões e consequente compartilhamento do conteúdo para os demais colegas de classe, além de promover, mesmo que em pequeno grau, a experiência da pesquisa histórica, de

oferta praticamente inexistente dentro das propostas da disciplina. Por fim, também se mostra como uma importante ferramenta para manter o estudante conectado com o conteúdo após o fim da aula. Porém, em casos de contribuições solicitadas, essas precisam ser guiadas apenas pelo interesse do aluno e seu vínculo com a matéria e jamais deve ser usada como parte da avaliação que compõe a nota final, pois de uma facilidade, pode-se ter um desestímulo completo em forma de cobrança.

As próprias produção textual, apresentação oral e um eventual contato mais narrativo com qualquer disciplina, comuns no dia-a-dia dos cursos superiores, também são estratégias de ensino que interagem com as inteligências múltiplas, especificamente nesse caso a verbal-linguística. Como Gardner comprova em seu trabalho, é uma das duas mais valorizadas, mas não são as únicas. Isso se torna relevante pois a necessidade de a Moda ser entendida como um conjunto dos vários setores do conhecimento humano facilita muito a elucidação dos conteúdos a serem vistos através da teoria e fornece um convite praticamente irrecusável ao seu uso, tanto pelos ganhos, como pelas facilidades próprias da história da moda. Além dessas, o brainstorming (tempestade de ideias), a pesquisa de livros que serviram de inspiração para uma época ou matérias de jornais encontradas facilmente em acervos, até mesmo digitalizados e disponíveis na web são outros modos de usar a inteligência verbal-linguística para o desenvolvimento de conteúdo além-classe.

A moda, como um vívido fenômeno capitalista, é moldada, assim como muitos fatores, pelos altos e baixos econômicos, sofre as consequências de guerras, crises e incertezas financeiras. Cores, formas, tecidos e a própria imagem do corpo vestido a revela e imortaliza como produto de seu tempo. Preços de tecidos variaram muito com o passar dos anos e um dos maiores indicativos de fausto são os metros e metros por vezes usados na confecção de trajes simples. Essa é uma ótima linha de desenvolvimento para abordar determinados períodos sob um olhar lógico-matemático, junto também com Classificações e Categorias desde semelhanças ou afinidades de pensamentos ou mesmo 'revivals' históricos, até a separação de lugares que ficaram conhecidos por serem centros fabris de determinadas padronagens.

De posse dos mesmos itens iconográficos citados no início desse trabalho, mudando sua abordagem 'confirmativa' e passando-a para um contexto de discussão e troca de ideias antes da explanação de conteúdo, pode-se coletar as

impressões prévias que se consegue extrair de uma determinada foto ou ilustração. Assim, utilizando ainda referenciais imagéticos que os alunos trazem de suas vidas, se faz um ótimo contato com as inteligências espaciais.

O uso de música para sua respectiva Inteligência, mesmo que já muito usada para fins não estritamente acadêmicos em sala de aula, são verdadeiras “fotografias sonoras” de sua época. Além de podermos extrair estilos daquilo que vai dar nome, cara e situar no mundo as diversas tribos que começam a conviver no mesmo plano de tempo a partir da segunda metade do séc. XX, as letras podem facilmente transmitir os desejos, valores e ideais de determinada época, além de propor uma aula muito mais leve, ao mesmo tempo que promove seu conteúdo.

Não é necessário ser especialista no assunto para se ter noção da experiência completamente desconfortável que o vestir significou por muitos anos, principalmente para o corpo feminino. Através de alguns materiais alternativos, os estudantes podem ser convidados a vestir peças que reproduzam com certa fidelidade os modelos originais em sua forma ou então reproduzir antigos rituais de vestir, compostos por incríveis quantidades de peça, atendendo a inteligência cinestésico-corporal.

O nível de contato pessoal entre o conteúdo e a vida do aluno, o desenvolvimento de atividades colaborativas em pequenos grupos, ambas guiadas pelo professor e o local onde é dada a aula podem oferecer ganhos para experiências interpessoais, intrapessoais e naturalistas. O homem se voltou para a natureza diversas vezes e trouxe dela experiências vestíveis. Uma aula proposta em um ambiente fora das estruturas do campus é, além de uma experiência relaxante, um contato diferenciado e moldado pelo tema.

Com base no que foi apresentado, o tempo para se dar a disciplina e a multiplicação de conteúdo erroneamente categorizada como desnecessária, não se tornam mais argumentos justificáveis para a não utilização das teorias dentro da realidade do ensino de História da Indumentária e da Moda. Pelo contrário, apenas justificam seu uso. É um assunto completamente aberto, senão necessitado de novas experiências, as necessidades são completamente possíveis de serem atendidas, as vantagens inúmeras e as possibilidades infinitas.

CONCLUSÃO

Primeiramente, ainda que de modo indireto e geral, tratamos aqui da importância de uma competente estruturação de planejamento de ensino, da necessidade desse ser visto, não de modo imutável, mas como uma etapa de constante avaliação e evolução, a fim de poder proporcionar ganhos ainda não conquistados e indispensáveis para um contato mais rico com a disciplina.

Assim, sendo inquestionável a força que a disciplina de História da Indumentária e da Moda possui dentro dos cursos de “Design de Moda” e “Moda”, mostrada através dos conceitos vistos especificamente na grade dessa disciplina e de ciência obrigatória no exercer da maioria (senão na totalidade) das carreiras relacionadas com a área, bem como a impactante presença de cursos superiores na área no Brasil, trouxeram aqui um pensamento muito além de um caráter ‘condicional’, que recairiam somente em disciplinas e cursos com iguais importâncias e presenças às apresentadas, mas ‘adicionais’ a todas, salientando apenas a importância dessa atenção em graus ainda maiores.

Admitimos assim que, para uma correta reflexão sobre o planejamento de ensino, objetivos, didática e elaboração de planos de aula e abordagem, é indispensável um profundo conhecimento do que se leciona. Esse conhecimento vai além do que tange o domínio sobre o assunto e a segurança com a qual este será repassado, visto que também diz respeito sobre a ciência das características específicas do conteúdo como uma disciplina e o consequente posicionamento que essa exerce dentro de determinado curso, tanto em importância de carga de conceitos introduzidos nela e que serão trabalhados de forma diferenciada e específica em outros blocos quanto na leitura que os alunos fazem para si mesmos da experiência de aula de cada disciplina, ou seja, o modo como cada disciplina se apresenta, do começo ao fim de cada semestre letivo. Acredita-se estar satisfatoriamente demonstrada nesse trabalho a necessidade de considerar as características específicas da disciplina e como elas se portam dentro de uma grade curricular, como uma realidade suficientemente plausível para o surgimento de desconexões e distanciamentos prejudiciais ao aluno.

De modo mais direto, além de se levar em conta os ganhos e as limitações de uma disciplina dentro de uma grade total, encontra-se nesse trabalho o parecer de uma História da Indumentária e da Moda que, atualmente, com a falta de uso de materiais e a dinâmica de interação com o conteúdo, nem favorece a experiência do ‘descobrir’ histórico, de clara e conseqüente constatação de resultados, mas também de necessidade de investigação e de correlação entre causas e conseqüências, nem favorece a consciência da moda além de ‘peça de roupa’, desconstruindo conhecimentos básicos de moda como fenômeno e em certo grau, colocando-os em cheque, ao levar somente seu produto como fio condutor de estudo e sem prioriza-lo sempre como resultado de pessoas, cenários e épocas diferenciadas. Através do que foi mostrado, vimos que atualmente há uma demasiada priorização do ‘quando’ do surgimento do elemento de moda, tornando o ‘por quê’ uma pergunta facultativa e de constância questionável e promovendo o afastamento de interação e dos questionamentos sobre o assunto. Por fim, descredita-se a pretensão e o valor do estudo histórico cedendo à falsa ideia de ‘o estudo da aparição das peças de moda na história’, limitando sua visão ao produto material.

Ainda de modo inerente aos desafios específicos do estudo histórico da indumentária e da moda, destacamos os claros ganhos do uso da Teoria das Inteligências Múltiplas, como ferramenta permissiva à conquista dos mesmos, partindo da ideia que as limitações aparecem de diversas formas, porém todas derivadas de um fator comum: se fazer vivo o contato com o saber, sendo necessário para isso desconstruir a visão estática de História, nutrida ao longo de longos anos de falta de reflexão sobre o seu estudo.

Porém, é essa mesma História, tão afastada de um cuidado didático, que é trazida aqui como possuidora de singular facilidade ao uso da ‘Teoria’, proposta por Howard Gardner, tendo em vista o contato com diversos materiais, originando experiências ligadas a todas as inteligências, da interação textual até conversas sobre situações, tornando mais vívido o ‘espírito do tempo’ estudado.

Finalmente, ao concluir esse trabalho, acredita-se ter demonstrado a necessidade do pensamento sobre uma disciplina da qual muito se espera e que não pode se sustentar apenas na sua conhecida importância para a área. Sua compreensão e aplicação não se garantem sem um pensamento sobre sua didática, que pode se aliar a uma teoria que vem a significar muito mais que a valorização dos alunos e

suas inteligências, mas esses como incríveis fatores permissíveis para a multiplicação de conhecimento, compreensão e experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *As Inteligências Múltiplas e Seus Estímulos.* – São Paulo, Papirus Editora, 2008.

CAMPOS, Ana Paula; NEIRA, Luz Garcia ‘*O conhecimento históricos e a formação do designer de moda*’ – em http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Ensino-Educacao-teoria-e-pratica-em-Moda/O-conhecimento-historico-na-formacao-do-designer-de-moda.pdf - 2013.

FOGG, Marnie. *Quando a Moda é Genial.* – São Paulo, Gustavo Gili, 2014.

JOFFILY, Ruth. *O Brasil tem Estilo?* – Rio de Janeiro, SENAC Nacional, 1999.

LELLIS, João ‘*Inteligências Múltiplas Uma Abordagem Voltada para a Educação*’ – em <http://perfeitalegria.blogspot.com.br/2011/04/inteligencias-multiplas-uma-abordagem.html> - 18/04/2011.

NEVES, E. M. A.; GONZAGA, A.; SLAETS, A.F.F. . ‘*Atenção Visual Seletiva Para Reconhecimento de Objetos e Análise de Cenas.* – em http://iris.sel.eesc.usp.br/lavi/pdf/Evelina-P_26_44.pdf.

STEVENSON, Nj. *Cronologia da Moda-* Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2012.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Celso.** *Sala de aula de geografia e história – Inteligências Múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia.* – São Paulo, Papirus Editora, 2008.
- BAUDOT, François.** *Moda do Século* – São Paulo, Editora Cosac Naify, 2008
- BLACKMAN, Cally.** *100 Anos de Moda* – São Paulo, Editora Publifolha, 2014.
- BRAGA, João.** *Um Século de Moda* – São Paulo, D’Livros Editora, 2013.
- BOUCHER, François.** *História do Vestuário no Ocidente* – São Paulo, Editora Cosac Naify, 2012.
- COSGRAVE, Bronwyn.** *História da Indumentária e da Moda* – Barcelona, Editora Gustavo Gili SL, 2012.
- E-MEC - Cadastro de Instituições e Cursos de Educação Superior** – em <http://emec.mec.gov.br/emec/nova#simples>
- GARDNER, Howard.** *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática* – Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.
- LAVER, James.** *A Roupas e a Moda* – São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles.** *O Império do Efêmero* – São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2009.
- SANTOS, Paola Prado** ‘Os Usos e as Práticas do Professor em Aula de Aula e a Influência na Formação do Aluno’ – em http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/POSTER/POSTER-EIXO2-ENSINO-E-EDUCACAO/PO-EIXO-2-OS-USOS-E-AS-PRATICAS-DO-PROFESSOR-EM-SALA-DE-AULA-E-A-INFLUENCIA-NA-FORMACAO-DO-ALUNO.pdf - 2014.